



PORTUGAL DEMOCRÁTICO

ANO XV — N.º 150 — S. PAULO, JUNHO DE 1970 — REDAÇÃO: RUA LIBERO BADARÓ, 488 — 5.º ANDAR — SALA 50 — C. POSTAL, 6248

GOVÊRNO FECHA UNIVERSIDADES

LISBOA (Do Correspondente) — Alarmado com as proporções assumidas nas universidades do país pela contestação estudantil, Marcelo Caetano tomou logo após os sangrentos incidentes de Coimbra uma medida que traduz de um lado o seu desespero e de outro as intenções do governo de levar a escalada repressiva as suas últimas consequências: ordenou o encerramento das três universidades do País.

Numa nota oficial distribuída à Imprensa, o Ministério da Educação Nacional procurou alinhar explicações para justificar a medida, mas elas eram tão risíveis que deixaram o governo numa posição ainda mais insustentável. Segundo o ministro Veiga Simão, o encerramento em meados de maio do ano lectivo é uma consequência de ser muito elevado o número de alunos que deve prestar provas na primeira época. Na

realidade, o governo, com várias faculdades fechadas em Lisboa, e ante a iminência de uma greve geral em Coimbra não teve outro recurso senão acabar com as aulas nas três universidades. A crise continua, porém, em aberto, prevendo-se graves choques entre os estudantes e a polícia durante o período dos exames.

Coincidindo com os acontecimentos que puseram em ebulição o mundo estudantil, Marcelo Caetano, em entrevista ao "Times" de Londres, teve o descaro de afirmar que o seu diálogo com o povo e com a juventude era tão íntimo que a televisão se transformara num dos seus principais instrumentos de governo. A frase já se transformou em tema de incontáveis anedotas.

no teatro de uma coluna de manifestantes. Diante do alarido crescente e dos protestos dos jovens, o reitor, prof. Gouveia Marques, tomou a decisão de mandar suspender o espectáculo. Tudo acabaria sem sangue derramado se a ordem tivesse sido cumprida normalmente. Mas houve resistência do clã fascista, já então comandado por Franco Nogueira e Casal Ribeiro. A Polícia, aliás, não mostrou o menor interesse em colaborar com o Reitor. Foi preciso que este, pessoalmente, se apresentasse no Teatro para que a evacuação da sala principiasse.

Franco Nogueira, em altos brados, incapaz de se dominar, entregou-se a tais provocações à saída, injuriando os estudantes, que o tumulto se generalizou. A Polícia começou a atirar bombas de gases lacrimogêneos sobre os manifestantes e estes reagiram apedrejando as autoridades e o grupelho fascista. Já então uma grande multidão, concentrada nas imediações, valava os esbirros da polícia e da PIDE e dos telhados choviam objectos de toda

a espécie sobre os agentes da repressão. Estes apavorados começaram a disparar a esmo sobre os estudantes. O balanço desse comportamento criminoso é conhecido, pois foi divulgado por jornais de todo o mundo. Seis jovens sofreram ferimentos e um deles, Fernando Selça, teve de ser operado de urgência ao baço e a um rim, ficando provavelmente inutilizado para o resto da vida.

A indignação alastrou de Coimbra para todo o País. É difícil avaliar ainda todos os desdobramentos do episódio. Mas pode-se afirmar que ele veio reforçar extraordinariamente o espírito de luta da juventude universitária e provar de uma vez por todas que os métodos do regime, em matéria de repressão, não mudaram. A atual escalada na repressão prova que Caetano aguarda apenas um enfraquecimento do espírito de luta entre os seus adversários — isto é o povo português — para retomar a iniciativa. A vaga de terror policial em curso é um indício da nova tática do demagogo "liberalizante".

A Luta não pode parar!

Os trágicos acontecimentos de Coimbra têm uma significação muito maior do que a imprensa internacional lhes atribuiu. O assassinio de um estudante durante a representação de uma peça de Claudel montada por um grupelho fascista não se insere como mero episódio na contestação da juventude ao regime. O comportamento criminoso das forças repressivas em Coimbra contribuiu para elevar novamente as lutas estudantis a um nível superior, mas o esforço de Caetano e dos esbirros da PIDE para limitar à Universidade os fatos ocorridos não iludiu as forças democráticas mais conscientes. Os choques da cidade do Mondego vieram desmascarar uma política de poder cuja estratégia se desenvolve cientificamente.

Após um ano e meio de apreciáveis exitos na sua batalha contra o fascismo, o movimento democrático está enfrentando dificuldades que poderão eventualmente colocá-lo numa desastrosa posição defensiva. O fascismo continua ainda recuando e Caetano prossegue com a sua demagogia "liberalizante" procurando transformar em concessões do regime as vitórias populares. Mas presente já, com a sua camarilha, que o ponto do refluxo pode não estar distante. Os desafios que enfrenta são ainda suficientemente fortes para o fazer retardar o instante de uma virada, isto é o desencadamento de uma ofensiva do regime em todas as frentes. Mas não lhe escapam os indícios de um certo cansaço entre os adversários. O numero de greves tem diminuído, o debate na imprensa dos grandes problemas nacionais vem perdendo intensidade, a contestação da guerra colonial não assume a amplitude necessária dentro e fóra dos quartéis.

As forças democráticas acham-se assim perante uma opção decisiva. Ou conservam a iniciativa e, fortalecendo a sua unidade e organização desfecham novos golpes no inimigo; ou deixam passar o momento favorável e se colocam numa atitude de expectativa que permitirá ao fascismo desfechar contra elas golpes demolidores. As condições para continuar acoçando o fascismo existem. Mas urge saber aproveitá-las com ousadia e imaginação, dentro de uma perspectiva revolucionária. Não se trata de lutar por pequenas vitórias tácticas isoladas de um pensamento revolucionário. As forças populares demonstram já amplamente o seu poder. Importa agora, com confiança, firmeza e dinamismo mobilizar as grandes massas descontentes — vale dizer o povo português — na luta por objetivos imediatos, por reivindicações justas e patrióticas incompatíveis com a lógica do sistema. Como? Forçando Caetano a reconhecer a existência legal da Oposição, ganhando a batalha dentro dos Sindicatos fascistas, impondo a amnistia, a dissolução da PIDE e das organizações fascistas para-militares, a gestão democrática das associações de estudantes, desencadeando uma batalha ininterrupta pelo aumento geral dos salários.

O sangue derramado em Coimbra é um ensaio e um aviso do inimigo. Caetano não é menos fascista do que Salazar. Sua máscara de demagogo "liberalizante" é apenas um artifício ditado pelas circunstâncias em que foi investido no Poder.

Não tenhamos ilusões. O refluxo do movimento democrático é um perigo real. Ou avançamos ou recuamos, facilitando a recomposição do regime e perdendo os frutos de todo o trabalho realizado desde a morte política de Salazar.

Somente as forças democráticas podem pôr fim ao regime que jamais se auto-destruirá. A meta do movimento popular e democrático é o derrubamento do fascismo. É portanto para uma perspectiva revolucionária que desembocamos no levantamento nacional que devem ser conquistadas as massas populares. Parar neste instante seria capitular diante do inimigo.

A PROVOCAÇÃO FASCISTA EM COIMBRA

COIMBRA (Do Correspondente) — Os acontecimentos do dia 9 de Maio, durante os quais a polícia feriu seis estudantes, um dos quais gravemente, alcançaram a maior repercussão entre a opinião pública que responsabiliza o governo pelas brutalidades praticadas pelas forças repressivas, e mobilizaram os universitários de todo o País contra o regime, numa impressionante manifestação de solidariedade aos seus colegas desta cidade. O inquérito em curso, para apuramento de responsabilidades, não ilude ninguém. É uma simples farsa.

Os incidentes tiveram a sua origem numa típica provocação fascista. Precisamente por Coimbra se haver convertido num bauiarte da resistência estudantil contra a política educacional do salazarismo sem Salazar, um grupelho de fascistas, encabeçado pelo poeta Antonio Manuel Couto Viana, resolveu montar no Teatro Gil Vicente, a peça "O Livro de Cristóvão Colombo", de Paul Claudel, encenada de forma a que pudesse ser interpretada como uma glorificação das aventuras colonialistas. O fato de o grupo, intitulado "Oficina de Teatro", ter realizado uma tournée em Angola, onde o espectáculo foi patrocinado pelas autoridades oficiais como contribuição cultural às teses colonialistas, causou ainda maior irritação em Coimbra.

Assim, apesar do imponente aparelho policial instalado no dia 9 de Maio para dar cobertura aos provocadores, a Universidade em péso mobilizou-se para boicotar o espectáculo. A circunstância de o fascista Franco Nogueira e o deputado ultra Casal Ribeiro se terem deslocado a Coimbra expressamente, como convidados de honra, exaltou ainda mais os ânimos.

A Polícia deu início à série de violências que depois praticaria quando tentou opor-se à entrada

ÁLVARO LINS

No dia em que fechamos esta edição, o povo português perdeu o seu maior amigo no Brasil: Alvaro Lins. Em nome de "Portugal Democrático", o nosso companheiro Miguel Urbano Rodrigues enviou à embaixatriz Heloisa Lins o seguinte telegrama:

"Desaparecimento Alvaro mergulhou todos os democratas portugueses em profundo abatimento. Sentimos que o povo de Portugal perde o seu autentico e insubstituível embaixador no Brasil. Em nome companheiros do "Portugal Democrático" e interpretando tudo aquilo que a Nação portuguesa não poderá manifestar publicamente venho apresentar-lhe as nossas condolencias pela morte do amigo querido e exprimir a certeza de que Alvaro Lins será eternamente recordado em Portugal como simbolo da verdadeira fraternidade luso-brasileira e de um heroísmo comovedor posto na defesa dos valores da liberdade e da



dignidade humanas quando, sózinho, enfrentou o governo fascista de Salazar, negando-se a entregar o general Humberto Delgado."

Nesta Edição:

- * Rogers em Portugal — pág. 2
- * Delgado não foi esquecido — pág. 2
- * PAIGC abate helicóptero — pág. 4
- * Os Consulados e a emigração — pág. 3
- * O escandalo Sommer — pág. 4
- * Pela liberdade de Blanqui Teixeira — pág. 4

Nolas e comentários

A Escalada Repressiva

O governo de Caetano está respondendo com uma vaga de repressão ao desafio das forças democráticas expresso na criação do M.O.D.

Alarmado com o numero crescente de reuniões e debates de caráter político, com a contestação estudantil e com o volume das lutas reivindicativas da classe operária, Caetano deu carta branca à PIDE. O resultado foi uma onda de prisões em todo o país. Um dos distritos mais atingidos foi o de Setúbal. Uma vaga de terror policial abateu-se nas últimas semanas sobre a cintura proletária da margem sul do Tejo. Na madrugada do dia 3 de Maio equipes especiais da PIDE invadiram as residências de conhecidos democratas e realizaram mais de 200 prisões. Um dos detidos foi ALVARO RIBEIRO MONTEIRO que nas ultimas "eleições" se candidatou a deputado pela CDE. Foram também presos: ALFREDO RODRIGUES MATOS, LEONEL COELHO, GILBERTO SILVA E ANTONIO MOURA. Em comunicado em que denuncia essas e outras violências policiais, o M.O.D. lembra com razão que as "conversas de família" passaram agora a simples monólogos de intimidação que ameaçam os democratas com a prisão e o povo com a guerra civil. Marcelo Caetano — diz o documento — sabe que se tornou impopular e que o único argumento que lhe resta é a ameaça e a repressão. Mas os democratas agrupados no M.O.D. não se deixam intimidar. "Portugal — proclamam — não é quinta d alguns, mas terra de todos".

Numa tentativa vã de confundir a opinião pública e desviar a sua atenção da escalada repressiva, o governo acaba de decretar uma amnistia de fachada que é, como todas as anteriores, uma mera ficção. O pretexto para o acto de "clemência" do fascismo foi a passagem do centenário do nascimento do ex-presidente fantasma marechal Carmona. A leitura atenta do texto do decreto-lei dissipa aliás todas as dúvidas sobre a manobra. Os beneficiados pela amnistia foram autores de "crimes de ofensas corporais" ou de "crimes cometidos por um conjuge contra o outro, por um irmão contra outro ou por um descendente contra um desconhecido". Não temos notícia de que qualquer preso político tenha saído em liberdade graças a esta amnistia de Caetano.

Aumentam As Deserções

Segundo notícias recebidas dos nossos correspondentes em várias capitais africanas, têm aumentado bastante, desde o início do ano, as deserções entre as unidades militares destacadas em missões de combate na Guiné, em Angola e Moçambique. Na Guiné teve grande repercussão em todos os quartéis de Bissau e nos cam-

pos entrenchados do Continente a deserção de três fuzileiros navais, ocorrida no dia 18 de Fevereiro. Abandonando a base fluvial de Ganturé, os três jovens — ANTONIO JOSÉ VIEIRA PINTO, JOSÉ ARMINDO SENTIEIRO e ILBERTO COSTA ALFAIATE, cada um com um lenço branco na mão e a arma às costas, entregaram-se às forças do P.A.I.G.C. que lhes dispensaram um tratamento fraternal. O alto comando tentou esconder o que se passava e a Rádio Bissau chegou a anunciar a morte dos três fuzileiros. Mas, no mesmo dia, um jornalista estrangeiro entrevistava-os e transmitia as suas declarações para todo o mundo. Pouco depois, esses jovens dirigiam-se pela Rádio do PAIGC a todos os seus companheiros, exortando-os a lutar por todos os meios contra a guerra monstruosa que são forçados a fazer. Não é de estranhar assim que nos quartéis portugueses corram de boca em boca palavras de ordem do PAIGC tais como "abandona a tropa colonial que serás bem recebido" ou "Pegamos em armas para liquidar na nossa terra a dominação colonial portuguesa que nunca confundimos com o povo de Portugal".

Delgado Não Está Esquecido

A passagem do aniversário do assassinio do general Delgado foi assinalada em vários países por solenidades promovidas por anti-fascistas portugueses e por amigos do povo português empenhados em esclarecer as circunstâncias que rodeiam o crime praticado pela PIDE.

Em Inglaterra essas iniciativas atingiram um significado muito especial mercê da realização de uma Conferência de Imprensa na Camara dos Comuns, sob a presidência do deputado trabalhista Stanley Newens, no dia 27 de abril, e de um ato público, no Conway Hall, a 29, durante o qual Lord Gifford expôs o programa da Campanha internacional para um Inquérito Português sobre o Assassinio do General Humberto Delgado. O lançamento da campanha foi noticiado com destaque por "The Observer" — que dedicou sete páginas do seu suplemento colorido ao caso Delgado — e pelos jornais "The Guardian", "The Daily Telegraph" e "The Morning Star". Quatro membros da Camara dos Lordes e 22 dos Comuns escreveram uma carta ao Times manifestando o seu apoio à campanha pro-inquérito. "The Guardian", a 9 de maio, publicou uma carta no mesmo sentido, assinada por Lord Gifford e 22 deputados e figuras do mundo intelectual como o historiador e escritor Basil Davidson, grande amigo do povo português.

A repercussão internacional de todas essas iniciativas foi tão considerável que o governo de Marcelo Caetano, na impossibilidade de impedir o debate público em torno do assassinio de Delgado, recorreu aos processos tradicionais do

fascismo, procurando atingir um dos principais articuladores do movimento: o jornalista português Antonio de Figueiredo. E nesse aspecto a Embaixada Portuguesa em Londres atingiu o seu objetivo: a campanha não pôde ser sufocada, mas Antonio de Figueiredo, mercê das pressões dos representantes do fascismo português foi afastado das funções que desempenhava, como jornalista, na BBC.

Não será com vinganças mesquinhas como essa que Caetano e seus porta-vozes no Exterior calarão o clamor em prol de um inquérito tendente ao completo esclarecimento das circunstâncias em que a PIDE assassinou o general Humberto Delgado. A campanha prosseguirá. Não esqueçamos!

Manobras Diplomáticas Do Fascismo

Maio e Junho foram meses de manobras diplomáticas para o governo Caetano. O sucessor de Salazar realizou uma visita oficial a Espanha e recebeu em Lisboa o secretário de Estado norte-americano e o ministro dos Negócios Estrangeiros da França. O que sobrou de tudo isso? Muito pouco.

A visita a Madrid, de certa forma, assemelhou-se à perambulação realizada em julho de 69 por terras do Brasil. Muita parra e pouca uva. Caetano anunciou com antecedência que seu objetivo era alcançar medidas práticas e não fazer nem ouvir discursos protocolares. Mas voltou de mãos vazias. É certo que técnicos e empresários dos dois países vinham realizando há meses, nas duas capitais, colóquios e conferências sobre problemas de coordenação económica. E também é verdade que foram firmados acordos de caráter económico tendo vista a constituição de uma frente comum político-económica. Mas todos esses papéis solenemente assinados, não passam de vagas declarações de intenções. Na presente fase histórica, as economias espanhola e portuguesa seguem por caminhos divergentes e tendem a afastar-se cada vez mais. De outro lado, Franco não deseja comprometer-se com o colonialismo português. Apesar de todos os esforços de Caetano o velho ditador espanhol não teve uma só palavra de apoio às guerras coloniais do fascismo portu-

gues. A visita acabou, assim, sendo apenas uma sucessão de banquetes, desfiles e recepções onde Caetano, tal como no Brasil, deu livre curso à sua oratória pomposa e ridícula. A sua arenga no banquete que lhe foi oferecido pelo almirante Carrero Blanco no dia da chegada a Madrid deu a tônica do clima da visita. Eis um pequeno trecho do seu discurso antológico: "O Generalissimo Franco é bem um símbolo do vigor do caráter do povo espanhol e da fidelidade aos mais autenticos valores da raça e da história".

Já a visita de Rogers a Lisboa — a do francês Schuman encheu colunas na imprensa diária, mas teve um significado modesto — apresentou pelo menos um aspecto interessante. Ela veio confirmar aquilo que as forças anti-fascistas portuguesas proclamam há muito. Para além das figuras de retórica dos discursos oficiais, ficou claro que embora o governo de Washington não conceda o seu apoio oficial à política colonialista portuguesa está interessado em que a mesma seja mantida, e encoraja como pode a íntima aliança existente entre o regime de Lisboa e os grandes monopólios americanos implantados em Portugal, em Angola e Moçambique. A linguagem usada por Rogers em Portugal teve o mérito de abrir os olhos a muitos democratas ingénuos e de mostrar até que ponto são utópicos os sonhos de certos oposicionistas que teimam em esperar o impossível: o apoio dos EUA à luta que o nosso povo trava contra um dos melhores aliados de Washington: o fascismo português.

Caetanismo Debatido em Estrasburgo

Marcelo Caetano sofreu uma importante derrota táctica quando em fins de Abril, o Conselho da Europa debateu em Estrasburgo o problema político português. Não sendo Portugal membro do Parlamento Europeu, a iniciativa causou surpresa e amargura entre os corifeus do fascismo português. Não havia portanto hipótese de ser adoptada qualquer medida prática, como no caso da Grécia, mas o simples facto de a assembleia ter debatido longamente o regime de Marcelo Caetano teve para este implicações desastrosas, num momento em que não se poupa a esforços para criar uma nova imagem, dife-

rente do velho modelo salazarista.

Como era de esperar, Caetano encontrou defensores em Estrasburgo — entre os quais o suspeitissimo deputado conservador Griffiths, homem saudos das aventuras imperiais da Inglaterra — mas a impressão que predominou foi a do relatório elaborado pelo austriaco Goess, o qual constituiu um implacável libelo contra a ordem política e social caetanista. Nesse importante documento Goess salienta que a liberalização post-salazarista não passa de uma grosseira mistificação, pois as estruturas fascistas permanecem intactas. Assinala, concretamente, que o direito de reunião continua sendo proibido, que os partidos estão fora da lei e a liberdade de imprensa não foi restabelecida e que as ultimas eleições para a Assembleia Nacional foram uma farsa.

O líder social-democrata Mário Soares, que fôra convidado a participar da Assembleia, teve a oportunidade de prestar um serviço importante ao povo português, fornecendo informações e esclarecimentos aos parlamentares do Conselho da Europa empenhados em revelar a verdadeira face do regime de Caetano.

Essa atitude e as declaração que durante as suas visitas ao Brasil, Estados Unidos e Venezuela fez à imprensa, condenando o colonialismo, valeram-lhe já novas perseguições do governo de Lisboa. Segundo a revista francesa "L'Express", Márius Soares, que estaria sendo processado, não voltará a Portugal tão cedo, pois poderia ser condenado de 8 a 12 anos de prisão. Em artigo dedicado ao assunto, o jornalista Edouard Bailby acentua que Mário Soares não acredita mais no liberalismo dos sucessores de Salazar".

AMIGO DA EUROPA OU DA AMÉRICA:
DIVULGAR
"43 ANOS DE FASCISMO EM PORTUGAL"
É COLABORAR NA LUTA CONTRA O CAETANISMO



agência TRIÂNGULO de seguros s. a.

SEGUROS DE VIDA EM GRUPO E COLETIVOS DE ACIDENTES PESSOAIS

RUA BRAULIO GOMES 107 - 4.º andar - conjunto 42

Telefones: — 32-4882 e 37-2774

SEGUROS DE INCÊNDIO SEGUROS EM GERAL

Endereço Telegráfico: — "CAMBRONNE"

SÃO PAULO

OS CONSULADOS DE CAETANO E A EMIGRAÇÃO PORTUGUESA

ALBERTO SILVA

Numa época em que cerca de 2 milhões de portugueses se viram obrigados a abandonar o país, uma análise sobre as causas desse verdadeiro exodo e as condições de vida de nossos compatriotas no estrangeiro torna-se absolutamente necessária. Limitar-nos-emos a falar unicamente da imigração portuguesa na Europa, já que esta compreende a maioria daqueles que foram forçados a deixar o tão apregoado (pelas autoridades fascistas) "jardim à beira-mar plantado".

As causas dessa imigração são demasiado conhecidas para que nos aprofundemos no assunto. Faremos, portanto, apenas um pequeno resumo.

Os imigrantes portugueses podem ser classificados em três grupos: os que se exilaram por razões puramente políticas, os que fugiram ao serviço militar para não se comprometer com uma guerra colonialista em três frentes, na África, e aqueles que se viram obrigados a abandonar seus lares e, na maioria dos casos, também suas famílias, para escapar a um desemprego e a uma miséria que dispensam grandes explicações.

Mas, o que nos interessa verdadeiramente analisar neste artigo são as condições em que vivem estes compatriotas, não em relação aos governos dos países em que se encontram hoje em dia, mas sim, em relação ao governo português — ou melhor, em relação às autoridades que representam este governo. Na verdade, as perseguições e as humilhações impostas a nosso povo pelo governo fascista (seja ele salazarista ou caetanista) não acabam ao passar a fronteira com a Espanha. Elas continuam a perseguir-lo onde quer que se encontre. Os melhores exemplos são os chamados Consulados de Portugal e os agentes provocadores da PIDE.

As maiores dificuldades são encontradas pelos estudantes e jovens operários ou trabalhadores — ou seja, aqueles que fugiram para não cumprir seus "deveres patrióticos" em Angola, em Moçambique ou na Guiné.

O grotesco e o ridículo de tais dificuldades poderiam dar vontade de rir se o preço a ser pago pelo povo português por esse risco não fosse demasiado caro. Passaremos a citar alguns exemplos para que se possa avaliar as verdadeiras funções de nossos consulados e, principalmente, de seus respectivos funcionários.

Em Antuérpia, na Bélgica, um estudante português precisava de um passaporte para regularizar sua situação perante as autoridades belgas. Para isso, apresentou-se no consulado de Portugal. Como sua situação militar não estava em ordem, foi-lhe dito que só lhe poderia ser dado um passaporte válido unicamente para Portugal. Como quase nada é melhor do que nada, nosso amigo perguntou quais as condições para o obter. Era preciso pelo menos o cartão de identidade. Como não o tinha, pediu os formulários necessários para fazer o pedido. O funcionário respondeu que era ele quem tinha que arranjá-los e entregá-los preenchidos no consulado. Nosso compatriota estranhou, mas tratou de escrever para a família pedindo para que lhe mandassem alguns, o mais depressa possível. Algum tempo depois, apresentou-se de

novo aos representantes do governo português (oh! quão representantes), pensando que seu problema estava resolvido. Foi então que ouviu a pergunta mais absurda e inesperada de sua vida: "Onde está o cartão de identidade, para que possa ser preenchido?". Como se em Portugal o Arquivo de Identificação entregasse um cartão de identidade virgem a um cidadão. Certamente que se ele o tivesse apresentado, o consul o teria acusado de falsificador ou, no mínimo, ficado escandalizado que ele tivesse em seu poder um impresso oficial feito na Tipografia Nacional. Mas a imaginação de nossos funcionários consulares não tem limites... especialmente quando se trata de dificultar a vida daqueles que cometeram o "crime" de querer ser livres.

Um outro caso bastante interessante. Em Paris, a um jovem português, que tentava renovar seu passaporte, foi dado o tão já famoso "só válido para Portugal" porque sua situação militar não era regular, com a desculpa de que só poderia obter um outro para toda a Europa quando resolvesse suas obrigações para com o Exército. Nada mais normal; em todos os países é a mesma coisa! Só que, tendo regularizado sua situação com um adiamento da tropa, nosso amigo tentou tirar o prometido passaporte, passando de novo no consulado. Foi aí que as coisas se complicaram! Os funcionários, voltando com a palavra atrás, disseram-lhe que o dito passaporte só lhe poderia ser concedido em Portugal, visto ter viajado para o estrangeiro como turista. Como se uma viagem de ida e volta a Portugal custasse o preço de um bilhete de autocarro e se os consulados não servissem precisamente para tratar dos problemas dos cidadãos de um determinado país! Pode ser que o argumento seja válido para os outros governos, mas nunca para o português. No entanto, o caso é mais complicado e a finalidade de outra. Na verdade, se nosso compatriota se deslocasse a Portugal, o passaporte certamente lhe seria negado, ficando assim impossibilitado de sair de novo do país; e, permanecendo mais de um ano em Portugal, o adiamento da tropa, que tanto trabalho lhe tinha dado, deixaria de ter valor. Como se vê, a "máquina" está bem montada. Sem contar que o adiamento do serviço militar custa caro e que o passaporte (se assim se lhe pode chamar) "só válido para Portugal" anda custando os olhos da cara, sendo considerado, pelo governo, como uma fonte de receita nada desprezável. Aliás, a verdadeira "história" destes passaportes merece ser mais aprofundada num futuro artigo, já que se está tornando num verdadeiro comércio por parte de certos funcionários e cônsules.

Também os trabalhadores que têm um passaporte de imigrante (e que são uma minoria) recebem um tratamento desumano e revoltante por parte dos mesmos funcionários — tratamento, no entanto, dentro do mais puro estilo do governo português. As filas, o tempo perdido, o mau atendimento e as dificuldades para resolver o mais simples dos problemas, que podem ser constatados em qualquer dos consulados de Portugal, nada ficam devendo às condições a que estão sujeitos os portugueses em seu próprio país.

Quando aos agentes provocadores da PIDE, o problema é o mesmo. Apesar dos esbirros de tão famosa polícia fascista terem no estrangeiro uma função e, principalmente, um comportamento totalmente diferentes dos de Portugal, sua finalidade não deixa de ser a mesma: denúncia das atividades sindicais dos trabalhadores, controle da vida política dos exilados, etc. É incalculável o número de agentes da PIDE misturados nos núcleos imigrantes portugueses, sejam eles estudantes ou operários. Um exemplo concreto foi o que se passou, há já algum tempo, em Paris, na fábrica Citroën: o número de agentes infiltrados entre os trabalhadores portugueses criou um mal-estar tão grande que a direção da fábrica (que, no entanto, nada tem de democrática) se viu obrigada a fazer uma verdadeira "limpeza" entre tal espécie de "empregados".

Este é um resumo bastante incompleto das relações entre os imigrantes e o governo "liberal" de Caetano. Por ele se pode ver as verdadeiras condições — sobretudo psicológicas — em que continuam a viver milhares de trabalhadores e estudantes que se viram obrigados a fugir do fascismo do governo português. Por ele se pode ver que, mesmo depois de sair do país, nossos compatriotas continuam vivendo sob o mesmo medo, as mesmas dificuldades e o mesmo terror que conheceram em Portugal; especialmente, os menos politizados ou de menor cultura, e que por isso se deixam intimidar pelas provocações ou injustiças daqueles que não deveriam ser outra coisa mais do que funcionários ao serviço do povo português, já que é com o dinheiro e com o suor (para não dizer a exploração desse mesmo povo que eles são pagos. Mas, também no estrangeiro, o governo português tem a preocupação — e a necessidade — de controlar estas massas que constituem o maior perigo para a manutenção das instituições de seu regime. Os "métodos de controle" não são muitos diferentes dos empregados em Portugal. Só que adaptados à "nova" situação.

tempo. A teoria e a prática da Revolução guineense são estudadas, analisadas e debatidas por sociólogos, historiadores, escritores de todas as nacionalidades. Enquanto, a propaganda caetanista, grotescamente, exalta as vitórias miríficas de Spínola e o seu monóculo, o povo da pequena Guiné vai escrevendo uma das mais belas páginas

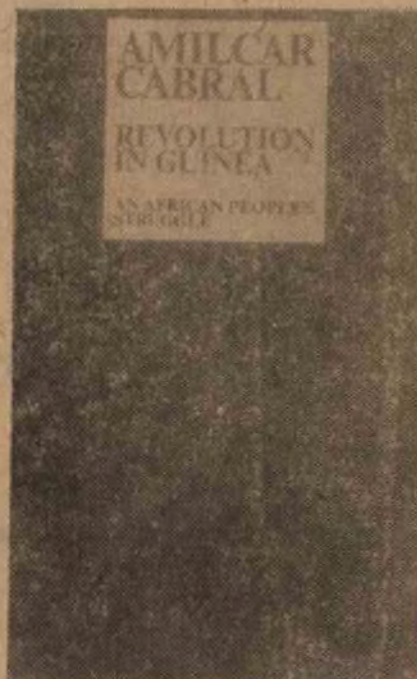
Um Livro de A. Cabral "Revolução na Guiné"

Mercê da luta heróica do povo guineense e das características absolutamente originais que ela assume, a Revolução que se processa na Guiné-Bissau sob o comando do P.A.I.G.C. transcendeu o quadro africano para se projetar no cenário mundial como um importante acontecimento histórico do nosso

da história contemporânea da África e bate-se por um futuro que constrói no dia a dia com uma tenacidade e uma personalidade que merecem o respeito universal.

Não é exagero afirmar que Amílcar Cabral, secretário do P.A.I.G.C. desponta hoje como figura de singular grandeza no panorama africano e como um dos maiores revolucionários da nossa época, o líder em que se aliam e o estrategista dotado de poderosa originalidade.

Não é de estranhar assim o interesse despertado pela sua obra em todo o mundo. Para corresponder a esse interesse Richard Haudyside acaba de editar em Inglaterra uma coletânea de textos do líder guineense que ele próprio selecionou e traduziu. A obra, precedida de uma introdução do editor, intitula-se "Revolution in Guinea — An African People's Struggle" (Revolução na Guiné — A Luta de um povo africano).



tempo. A teoria e a prática da Revolução guineense são estudadas, analisadas e debatidas por sociólogos, historiadores, escritores de todas as nacionalidades. Enquanto, a propaganda caetanista, grotescamente, exalta as vitórias miríficas de Spínola e o seu monóculo, o povo da pequena Guiné vai escrevendo uma das mais belas páginas

Pequenas Notícias

* O jornalista Maurício de Oliveira é o novo diretor de "A Capital", vespertino de Lisboa fundado em 1968 pelo dr. Norberto Lopes.

* Numa entrevista ao Times, comentada jocosamente por outros órgãos da imprensa britânica, Marcelo Caetano procura justificar a censura com o argumento de que os jornalistas se habituaram tanto a ela que demonstraram "um espírito de irresponsabilidade". Suprimi-la seria, por isso, perigoso na opinião do entrevistado.

* Portugal figura nas estatísticas como o quarto produtor mundial de urânio, após a União Soviética, os Estados Unidos e a França. Mas as jazidas desse minério, na Guarda e em Viseu, são controladas por grupos estrangeiros.

A MORTE DE CUNHA LEAL

— Na imprensa fascista portuguesa têm aparecido numerosos artigos de conteúdo apologético sobre o eng. Cunha Leal recentemente falecido. Embora as posições do antigo presidente do Conselho da I República tenham por vezes merecido as nossas críticas, não podemos deixar de estranhar esta súbita simpatia pelo eng. Cunha Leal da parte de elementos que sempre o atacaram despejando sobre ele torrentes de insultos. Com Caetano repete-se o que já acontecia com Salazar: o fascismo procura utilizar o prestígio dos adversários, depois de mortos. Com Gago Coutinho, Norton de Matos e Jaime Cortesão aconteceu a mesma coisa.

PORTUGAL DEMOCRATICO

DIRETOR RESPONSÁVEL
Otávio Martins de Moura

REPRESENTANTES

RECIFE: Manuel Luis Fernandes e Angelo Ferreira da Silva
R. do Hospício, 148, 1.º, Apto. 108

CURITIBA: Antonio Serpa —
Rua Dr. Murici, 712

LONDRINA: Julio Duarte —
Edifício Centro Comercial —
Apto. 141

PELOTAS: Heitor M. Bandeira —
Rua 7 de Setembro, 312 —
Pelotas — Rio Grande do Sul

INGLATERRA: Portuguese And
Colonial Bulletin - 10 Fentiman
Road, London, S.W. 8

BELGICA: Mercedes Guerreiro —
Av. Schaarbeek, 668 —
1.800 — Vilvorde — Bruxelles —
Belgique

HOLANDA: ANGOLA COMITE —
klarenburg 253 — Amsterdam —
18.

CANADA: Portuguese Canadian
Democratic Association 357 1/2
College St Box 153 Station B —
Toronto 2 B — Ontário

VENEZUELA: Junta Patriótica
Portuguesa — Apartado 8287 —
Caracas

URUGUAI: Junta Patriótica
Portuguesa del Uruguay, Casilla
de Correo n.º 2128 — Distrito 5
Montevideo

CHECOSLOVAQUIA: João Ribeiro —
Postovní Urad/Jindriřská
UL. C. 14 Schránka 646 — Praha 1 —
Tchecoslovaquie

FRANÇA: Grupo de Amigos de
"Portugal Democrático" - 2, Place
François Villon - Escalier E
- La Courveneuve - Seine -
França

REDAÇÃO:

Rua Líbero Badaró n.º 488 —
5.º and. sala 50 — Tel.: 37-0933
Caixa Postal, 6248

Composto na
Letras Editora Ltda.
Rua Almeida Torres, 119 — S. P.

EXPEDIENTE:

Dias úteis: das 19 às 22 horas
Sábados: das 15 às 19 horas
Número avulso NCr\$ 0,30
Assinatura anual ... NCr\$ 5,00

Ano XIV — N. 159 —
Junho de 1970

Os artigos assinados traduzem
apenas a opinião de seus autores,
sendo por conseguinte de sua
exclusiva responsabilidade.

RÁDIO VOZ DA LIBERDADE UMA EMISSORA A SERVIÇO DO POVO PORTUGUÊS

Ouçá a emissora da Frente Patriótica de Libertação Nacional às quartas e sábados, a partir das 01,15 (hora de Portugal) em ondas curtas de 25, 31 e 49 metros e médias de 230 e 320 metros

Compra o
n. 10 da
Revista "Paz
e Terra"
e envia-o
para Portugal

LUTA EM TODAS AS FRENTE

* **A LIGAÇÃO CDE — MOD** — Ao contrário do que, por desconhecimento dos factos, certos democratas supõem, a estruturação do Movimento de Unidade Democrática não levou à extinção das C.D.E. Estas estão integradas no MOD, adoptando os princípios de orientação comuns que sejam definidos para o Movimento Nacional, mas sem perda da sua autonomia estrutural funcional e ideológica. Só com conhecimento e compreensão do que sejam as CDE e o MOD pode conseguir-se uma perspectiva correcta e uma actuação consequente das forças democráticas. Nessa frente de luta há dois níveis fundamentais: um de actuação concertada à escala nacional, outro de actuação específica que resulta daquilo que foi e é o movimento das Comissões Distritais Democráticas.

* **LIBERDADE PARA BLANQUI** — Nas últimas semanas assumiu grande amplitude a campanha nacional pela libertação de Blanqui Teixeira. A Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico de que eng. Blanqui Teixeira foi um dos mais brilhantes alunos associou-se ao clamor pela libertação do destacado patriota, debatendo o caso em Assembleia Geral e, por outro lado, um apelo com centenas de assinaturas foi encaminhado à Assembleia Nacional. A Ordem dos Engenheiros dirigiu uma exposição sobre o assunto ao chefe do Governo e aos ministros do Interior, da Justiça, e das Corporações. Blanqui Teixeira já cumpriu oito dos dez anos em que foi condenado e, segundo a própria lei fascista, tem direito a sair imediatamente em liberdade condicional se a pena for agora comutada.

* **DESCONTENTAMENTO NOS QUARTEIS** — Em quase todos os quartéis portugueses lavra grande descontentamento entre os sargentos e praças pelas delongas do governo em resolver o problema do aumento dos soldos. Nas armas e unidades especiais o movimento assume um aspecto mais grave. Na aeronáutica, os sargentos e os paraquedistas organizaram-se e redigiram uma circular que foi distribuída em todas as bases, programando uma concentração no Parque Eduardo VII. O governo alarmou-se e uma força especial da policia militar foi preparada para dissolver a manifestação. Os paraquedistas, avisados, envergaram os uniformes de campanha e levaram granadas de mão nos bolsos. A ultima hora a manifestação foi anulada porque o governo teria cedido às pressões militares.

* **A HERANÇA SOMMER** — As disputas entre a família Champalimaud continuam sendo o pano de fundo de um escândalo nacional que já excede em proporções aquele que envolveu ministros em orgias de corrupção de menores. O país inteiro fala do processo judicial da herança Sommer, mas os jornais nada podem publicar a respeito da forma como o clã Champalimaud se entendia para subtrair ao fisco milhares de ações herdadas do tio Henrique Araujo Sommer. O sr. Marcelo Caetano finge ignorar tudo em vez de cumprir o seu dever, mandando publicar a lista dos ministros, dos subsecretários, dos deputados, dos governadores coloniais, das altas patentes, dos academicos, dos diplomatas e dos mestres de Direito que serviram Champalimaud e cobriram as negociatas da pandilha dando os seus nomes para os lugares dos Conselhos de Administração, das Mesas das Assembleias Gerais e dos Conselhos Fiscais a que presidia o gangster Antonio Cham-

palmaud A fraude total excede 50.000 contos.

* **PRISAO DE ANGOLANOS** — Em Abril, a PIDE desencadeou uma vaga de terror contra estudantes angolanos que estão frequentando as universidades portuguesas. Num longo arrazoado em que acusa esses jovens de estarem ligados ao MPLA, a Secretaria de Estado da Informação informou que se encontram presos JAIME GAMA, MARIA LUISA PIRES MARQUES VAZ DE OLIVEIRA e JOSÉ PIRES MARQUES DE OLIVEIRA. Foram também presos, mas posteriormente libertados sob fiança, Vitorino das Neves Vieira Pereira, João Manuel Ferraz Machado, e Manuel Fernando Barros de Carvalho Salazar.

* **HOLANDESES EM MOÇAMBIQUE** — Três cineastas holandeses visitaram recentemente as zonas de Moçambique libertadas pela FRELIMO e realizaram ali documentários que constituem provas irrefutáveis do espirito de combatividade e organização reinante entre os patriotas moçambicanos e também, dos crimes cometidos pelo colonialismo português. Um dos visitantes, Rob de Vries, publicou um significativo depoimento sobre a sua estada em Moçambique.

* **O MPLA acaba de editar um relatório sobre a assistência médica por ele montada nas áreas libertadas e nas frentes de combate.** O Serviço de Assistência Médica (SAM) conta atualmente com os seguintes efetivos: 4 médicos e dois assistentes, 7 enfermeiros e três auxiliares, 18 elementos para socorros imediatos, 2 parteiras, um farmacêutico e dois práticos de laboratório. O MPLA, para ampliar esse Serviço de Assistência, necessita urgentemente de ambulâncias, jeeps, equipamento hospitalar, material para escola de quadros, roupas e alimentos enlatados. A oferta de ajuda deve ser comunicada para o SAM-MPLA, PO BOX 1595, Lusaka, Zambia.

* **O PAIGC ABATE HELICÓPTERO** — No dia 7 de março as forças do Exército Popular de Libertação da Guiné abateram durante um ataque ao campo entrincheirado de Gullede, um helicóptero Alouette-II que orientava o tiro de morteiros dos defensores dessa base do exercito colonialista português. De outro lado, a grande ofensiva lançada por Spínola na região de Farim, e que visava a reconquistar territórios em poder do PAIGC, na frente norte, constituiu um malogro completo. No dia 15 de março, um barco português foi afundado no rio Farim entre Brufa e Labor.

* **A ABJEÇÃO DE CAVANDAME** — Os serviços psicológicos do exercito português transformaram o antigo chefe maconde Lazaro Kavandame num verdadeiro autómato que repete de cor todas as lições que lhe ensinam. Eis um trecho de uma das ultimas arengas dessa figura de opereta divulgadas pela propaganda fascista: "Eu tambem pequel. Lutei contra os portugueses, confesso. Mas eu sou um inculto, vivi sempre longe da civilização e não conhecia a verdade. Mas logo que me apercebi do bando que me rodeava, tive a coragem de me entregar ao Governo, consilio das minhas responsabilidades. Não temia o castigo. Fui bem recebido e aqui estou perante V. Exa., que representa o Governo, a levantar minha humilde voz".

O trecho é antológico e dá-nos a medida do desprezo que os patriotas moçambicanos sentem hoje por Cavandame.

* **A GREVE DE UNHAIS DA SERRA** — Os trabalhadores têxteis de Unhais da Serra realizaram uma greve de 14 dias que

constituiu uma vitória absoluta. A empresa "A Penteadora" tentou resistir às reivindicações do pessoal e logo de início despediu 7 operárias, apelando simultaneamente para a GNR. Durante dias, a pequena povoação esteve militarmente ocupada pelas forças repressivas. Houve numerosos trabalhadores espancados. Mas ninguém cedeu e a greve terminou com uma vitória total. O pior para a "Penteadora" foi a anulação dos despedimentos...

* **A luta nos Sindicatos** — Sob a pressão constante dos trabalhadores, as direções patronais em centenas de sindicatos fascistas estão recuando e numerosas ilegalidades ligadas à assinatura de Contratos Coletivos de Trabalho — contrários aos interesses dos trabalhadores — vêm à tona, desmoralizando os responsáveis. Em muitos sindicatos, as listas preparadas pelas direções patronais são esmagadoramente derrotadas pelas listas de unidade que exprimem o pensamento da maioria dos trabalhadores. Ultimamente, os vidreiros deram um admirável exemplo de combatividade, quando 1500 profissionais do ramo, reunidos em Assembleia Geral, exigiram a demissão da direção subserviente e pro-governamental do Sindicato.

* **20 CONTOS POR OPERARIO** — O tráfico de trabalhadores é um dos negócios mais rendosos do governo Caetano. A recente visita a Lisboa do ministro dos Estrangeiros do Luxemburgo trouxe a lume fatos vergonhosos relacionados com a infame exportação da força de trabalho portuguesa. 20 contos por cabeça é quanto o governo fascista português vai receber de comissão pela venda de cada um dos 100.000 trabalhadores portugueses cuja saída para o Exterior foi prevista nos acordos de emigração negociados com os governos da Alemanha Ocidental, da Suecia, da Suíça e do Luxemburgo. Caetano inaugura o moderno tráfico de escravos. Antes o governo vendia moçambicanos à Africa do Sul. O herdeiro de Salazar vai mais longe do que o mestre: agora vende os próprios portugueses.

* **A NEGOCIATA DE CABORA BASSA** — A imprensa oficiosa portuguesa continua exaltando o "glorioso empreendimento de Cabora-Bassa". A iniciativa é realmente um negócio da China. Mas para os grandes bancos e os monopolios a eles associados. O po-

vo não compreende como no país mais atrasado da Europa, a banca pode desviar um milhão e setecentos mil contos para uma obra cujo objetivo principal é o fornecimento à Africa do Sul e a Rodésia de energia barata e abundante. Cabora-Bassa não significa progresso para o povo de Moçambique, mas tão somente uma ameaça de maior opressão. Por isso mesmo, os patriotas da FRELIMO se declaram dispostos a impedir a construção da barragem — uma obra na qual Caetano se prepara para enterrar dinheiro roubado ao povo português.

* **PESCADORES DE MATOZINHOS** — Numa nova manobra voltada contra os interesses da classe piscatória, as autoridades decidiram que este ano não haveria defeso da sardinha em Matozinhos, a fim de ser debelada a crise que a industria atravessa. Os pescadores reagiram imediatamente. Não querem pescar sardinhas na desova e acham que durante o periodo é muito mais rendosa a pesca do sável. Logo que a imposição oficial foi conhecida, a maioria das tralheiras amarrou por decisão das suas campanhas. As que continuavam a pescar foram cortadas as amarras, na volta, ficando à deriva no porto. Por outro lado, os pescadores pretendem que lhes seja garantido um mínimo diário de 50 escudos. O fato é que apesar de a safra ter sido uma das piores, os armadores tiveram — segundo a imprensa — mais de 30.000 contos de lucro.

* **PARALIZAÇÃO NA ABELHEIRA** — O pessoal desta empresa obteve importante vitória impondo algumas das suas reivindicações salariais. Após uma série de reuniões preparatórias que evidenciaram a unidade existente, foi redigido e encaminhado à direção um abaixo assinado com mais de 400 assinaturas, pedindo um aumento geral de 600 escudos, pagamento do 13.º mes, aumento do periodo de férias, etc. Várias paralizações no trabalho desencadeadas pelas secções de mulheres levaram os patrões a conceder um primeiro aumento de 10 escudos diários.

* **MORTOS NA GUERRA** — Durante o mês de abril morreram na Guiné, em operações militares, os maiores Raul Ernesto Mesquita da Costa Passos Ramos, Alberto Fernando Magalhães Osório, Joaquim Pereira da Silva, e o alferes Joaquim Palmeiro Moseca.

* **LUTAS ESTUDANTIS** — A Faculdade de Letras de Lisboa voltou a ser palco de importantes manifestações estudantis. O Governo imaginava ter resolvido a situação com o encerramento da Faculdade no dia 26 de janeiro. Mas os alunos não se intimidaram. Logo que ela reabriu recommençaram os protestos e as reivindicações. No dia 20 de Abril, a Reitoria respondeu com uma provocação: passou a obrigar todos os alunos a exhibir o cartão de inscrição à entrada do edificio. A reação a essa violencia foi muito grande. Em Medicina, Veterinária, Agronomia e Belas Artes houve greves ligadas a reivindicações imediatas no mês de Março. Na Universidade do Porto, o choque entre os estudantes e as autoridades assume tambem formas cada vez mais violentas. Os alunos vêm desenvolvendo importantes campanhas pela legalização das Associações de Estudantes e pela reforma universitária.

* **ENCERRAMENTO DE ECONOMICAS** — A politica repressiva contra os estudantes prossegue. Por decisão da Reitoria da Universidade Tecnica e do Conselho do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, aquela faculdade foi fechada no dia 19 de Abril. A recusa dos alunos em aceitar as soluções de cupula que o Conselho Escolar pretendia impor e as manifestações de protesto daí resultantes forçaram as autoridades a arrancar a máscara. A politica de pacificação universitária do ministro Veiga Simão está indo a pique com a mesma rapidez da politica de provocações do fascista Hermano Saraiva.

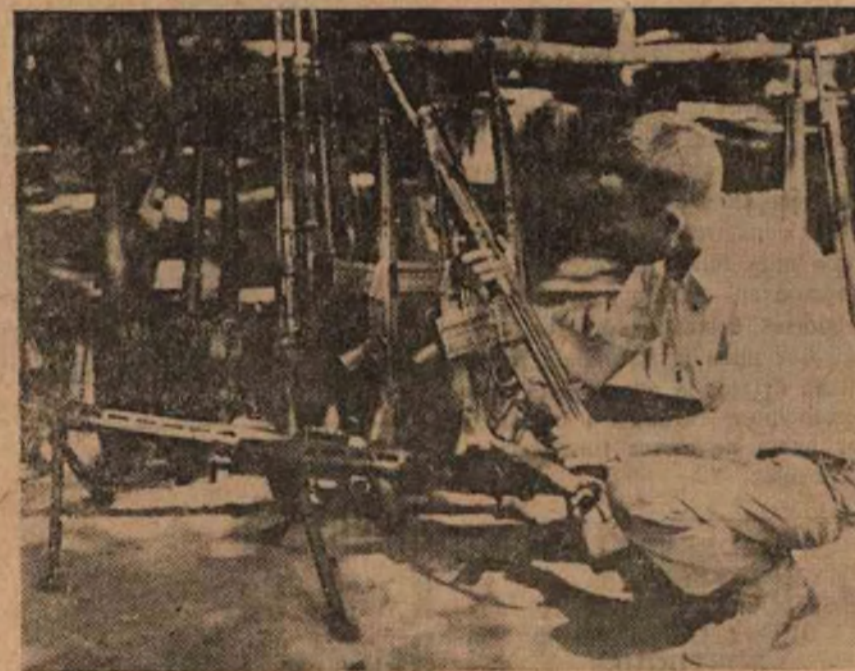
Portugal Democrático

Este número de "Portugal Democrático" aparece apenas com 4 páginas, em vez das 8 habituais. Foi para garantir a regularidade da publicação do jornal — a mais antiga tribuna de combate ao fascismo português que se publica no Exterior — que nos vimos forçados a tomar essa decisão. E penaliza-nos ter de informar os nossos amigos e assinantes de que essa redução do número de páginas será mantida nas próximas edições, a menos que recebamos uma ajuda material importante. Com receitas praticamente congeladas há anos, não podíamos por mais tempo suportar os encargos do lançamento de um jornal cujos custos de produção aumentam em média, anualmente, 40%.

Dos amigos de "Portugal Democrático" e apenas deles depende a possibilidade de o jornal voltar a ser editado com 8 páginas.

O Conselho de Redação

UMA FOTO QUE DESMENTE CAETANO



O Governo de Marcelo Caetano continua negando o envolvimento da NATO na guerra colonial portuguesa. Mas os fatos desmentem as suas palavras. A imagem mostra o jornalista alemão Peter Spacek observando fuzis-

-metralhadoras G-3, armas privadas das forças da NATO, e que foram apreendidas em Moçambique pelos guerrilheiros da FRELIMO, após combates travados contra as forças portuguesas de ocupação daquela colonia.